

## O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO E A URBANIZAÇÃO DO BRASIL, E SUA DEPENDÊNCIA DO CAPITALISMO INTERNACIONAL APÓS OS ANOS CINQUENTA

### META

Expor como ocorreu o início da industrialização no Brasil, descrevendo o processo de urbanização e produção do espaço nacional.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

entender o processo pelo qual passou o Brasil no início da industrialização, a partir da década de 50.

analisar como o Brasil se tornou mais ainda dependente do capitalismo internacional.

descrever o desenvolvimento da industrialização brasileira e como esta influenciou de maneira decisiva no processo de urbanização.

### PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado o início do processo de formação do território brasileiro, mediante o processo de colonização com seus vários ciclos econômicos e o surgimento das redes urbanas.



Muitas cidades se desenvolveram pautadas no ideal moderno como é o caso do Rio de Janeiro (Fonte: <http://www.efdeportes.com>).

### INTRODUÇÃO

Olá, pessoal!

Nesta 9ª aula vamos estudar como ocorreu o início do processo de industrialização no Brasil. Para isto, analisaremos o processo de crescimento urbano pelo qual passou o Brasil a partir do final do século XIX. Como estudamos nas aulas anteriores, o Brasil, como as demais regiões mundiais, foram, historicamente, recebendo as influências e determinações do capitalismo internacional. Durante o processo pelo qual o Brasil estava organizando o seu território, entre o séculos XVI e XIX, o modo de produção capitalista estava sofrendo alterações em suas relações de produção. Essas alterações ocorreram com a passagem da fase do capitalismo comercial para a fase industrial. As transformações ocorridas, inicialmente na Europa e depois na América do Norte, mediante as mudanças do capitalismo internacional, reforçado pelas transformações que influenciadas pela Revolução Francesa e pela Revolução industrial, interferiram de maneira direta nos rumos da economia brasileira. A economia brasileira, que desde a formação de seu território foi dependente, vem sendo desenvolvida, recebendo influência das nações hegemônicas européias. Assim, vamos estudar o processo pelo qual passou o Brasil para a formação de seu parque industrial e a as consequências desses fatos na sua população e no processo de urbanização.



Capa do livro “A industrialização no Brasil”  
(Fonte: <http://literatura.moderna.com.br>).

O Brasil, que tinha passado por uma economia escravista e agro-exportadora, desde o século XVI, mudou para uma economia de trabalho assalariado, no final do século XIX. Isto deu outro impulso ao aumento da população e ao crescimento urbano, que foi estimulado pelas imigrações, o que forneceu muita mão-de-obra. Como consequência da Revolução Industrial, o Brasil passou também por várias transformações no seu desenvolvimento técnico, científico, de saúde, urbano e econômico. Como reflexo dessas transformações, o Brasil recebeu financiamentos estrangeiros e a influência política para a formação de seu parque industrial. Assim, como exemplo, foi instalada a indústria têxtil no Brasil, favorecida pela oferta de mão-de-obra, tanto nacional quanto estrangeira (decorrente da imigração estrangeira). Por outro lado, ocorreram várias transformações nas técnicas de produção, ano a ano, que estimularam mais ainda a urbanização, e isto ocorreu com maior intensidade nos centros maiores. No final do século XIX e início do século XX, as cidades passaram por várias reformas urbanas, tais como: iluminação, (Imagem: Moinho de trigo Matarazzo: Em 1900, com os postes de iluminação, Brasil 500 anos, vol. 11, p.647) foram construídas ruas mais largas, novas praças com jardins, o abastecimento de água melhorou e foi expandido por vários bairros das cidades.

Em 1872 as ruas de São Paulo receberam iluminação a gás. Antes até, Recife era servida pela linha de bondes. Dessa data até 1895 sistemas de transportes coletivos foram implantados em várias capitais, como Salvador, São Luis e São Paulo. Em 1870 já existia a comunicação telegráfica entre as principais cidades do país e também entre o Brasil e a Europa. (FLORIDO, fascículo 9, p. 544-545- 1999).

Esse processo de melhoria da infra-estrutura urbana fez a migração para as cidades crescer de maneira mais veloz, principalmente nos centros urbanos maiores. Logo, a população das cidades aumentava rapidamente e, com ela, cresciam os conflitos inerentes a uma “sociedade de classes” (ver conceito em K. Marx). A grande maioria não tinha condições de usufruir destas benesses urbanas, assim

“Claro que começou a surgir também a diferenciação do espaço urbano. Onde havia o melhoramento público eram erguidas as ricas residências e o comércio, ou vice-versa. As camadas mais pobres acabavam afastadas para a periferia, e surgiam assim os primeiros bairros operários”, ( Idem, p.545)

Com a proliferação de vários bairros operários, ia-se formando uma periferia urbana nos grandes centros, o que propiciou a formação de uma estratificação social em várias regiões do Brasil, até que, no século XX, outros problemas passaram a surgir, decorrentes da grande concentração populacional nas grandes cidades. As epidemias surgiam e matavam milhares, como a dengue, a varíola e outras que interferiam no controle

populacional. No começo do século XX, a varíola tornou-se uma epidemia no Brasil; então o governo, a pedido do médico Osvaldo Cruz, tornou obrigatória esta vacina. Porém, o povo não foi suficientemente esclarecido e por isso ocorreram revoltas no Rio de Janeiro.

“Em 31 de outubro de 1904, o Congresso aprovou a lei que tornava obrigatória a vacina antivaríola, aplicada com sucesso na Europa, mas desconhecida no Brasil”.(Idem, vol.10, p. 622).

No início do século XX, o Brasil passou por novas transformações nas suas relações de produção, pois foi dado início a um processo de industrialização influenciado pelas inovações tecnológicas, ocorridas na Europa, pós-Revolução Industrial. Assim, iniciou-se a expansão industrial com iniciativa dos governos locais, mas também graças ao financiamento de capitais estrangeiros. Neste sentido, proliferaram as ferrovias por grandes extensões e os bondes passaram a ser frequentes nas maiores cidades do Brasil.(Mostrar imagens do Recife e Rio de Janeiro do início do séc. XX) Nesta época, a maioria das fábricas eram artesanais, como as de ferraduras, mas também surgiram fábricas de tecelagem, metalurgia, e a indústria automobilística, que começa a se instalar no Brasil.

“ Foi nessa época também que a indústria automobilística se estabeleceu no Brasil. Na década de 20 as empresas norte-americanas Ford e General Motors instalaram na cidade de São Paulo, oficinas para montagem de veículos com peças importadas de suas matrizes. Aos poucos, algumas peças, ou partes dos veículos, passaram a ser fabricadas nessas oficinas.” (Idem, vol. 11, p. 648).

O Brasil tinha passado por vários ciclos de produção, tais como o açucareiro, depois a pecuária, mais tarde pelo ciclo da borracha, do algodão e posteriormente do ouro, que entrou em decadência, no final do século XIX, todos eles baseados no comércio agro-exportador. Assim, a sua economia passou a ser sustentada na produção e exportação do café até o início do século XX.

O processo de desenvolvimento da economia estimulou a sua urbanização, que, no final do século XIX, impulsionado pelas novas indústrias e mão-de-obra migrante, deu nova força à economia e ao surgimento de novas cidades. Nesse sentido, constatamos que o Brasil passou por grandes mudanças no seu território e que, além de acelerar o aumento da população, o seu desenvolvimento industrial também disparou. Evidentemente, a dependência do capital internacional se aprofundou e a divisão internacional do trabalho colocou o Brasil no contexto mundial.

“A nova ordem econômica originou significativas mudanças territoriais onde se implantou, e, dentre elas, podemos apontar o intenso processo de urbanização, não somente pelo crescimento

demográfico das cidades criadas pelo café. Apoiada pela expansão dos grandes eixos ferroviários para oeste, São Paulo esteve na liderança desse processo. A implantação da ferrovia não somente contribuiu para mudança na paisagem geográfica como foi um importante fator de modernização das relações de trabalho. Esse novo tipo de transporte e de tecnologia criou uma demanda de mão-de-obra qualificada incompatível com a sociedade escravocrata”. (SCARLATO, 2005, p.343).

Desta maneira, o Brasil foi- se enquadrando na nova divisão internacional do trabalho. Deixou de ser apenas fornecedor de matéria-prima e mão-de-obra escrava e desqualificada, para ser um país exportador de produtos industrializados, tendo ainda um certo percentual de sua população de mão-de-obra especializada.

Em relação ao crescimento da população, no Brasil, podemos destacar os principais centros urbanos, no final do século XIX, no início do século XX e no ano 2000, com suas populações.

#### Evolução Populacional das Cidades Brasileiras

1872		1900	
Cidade	População	Cidade	População
Rio de Janeiro	274 972	Rio de Janeiro	691 565
Salvador	129 109	Salvador	239 820
Recife	106 671	Recife	205 813
Belém	61 997	Belém	113 106
Niterói	47 548	Niterói	96 560
Porto Alegre	43 998	Porto Alegre	73 674
Fortaleza	42 458	Fortaleza	53 433
Cuiabá	35 987	Cuiabá	50 300
São Luís	31 604	São Luís	49 755
São Paulo	31 385	São Paulo	48 639

FONTE: SCARLATO, 2005, p. 426 In: Geografia do Brasil (org.) Rossi

Nesta tabela, Francisco Capuano Scarlato descreve as diferenças entre as populações do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, demonstrando que ,em 1872, a população de São Paulo era bem inferior a de outros centros urbanos como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belém etc. O Rio de Janeiro, no final do século XIX, mais especificamente em 1808, passou a ser a capital do Brasil, o que influenciou de forma decisiva para o crescimento vertiginoso de sua população, entre 1872 e 1900, conforme tabela citada. Por outro lado, São Paulo, em 1872, tinha a menor população, entre essas cidades citadas pelo autor, mas que, a partir de 1900, teve também um aumento estupendo em sua população, que passou de

31.385, em 1872, para 239.820 habitantes, já em 1900. Como fatores deste aumento populacional, podemos descrever vários, entre eles estão: A oligarquia nacional estava concentrada na região Centro-Sul e tinha interesse em que essa área prosperasse; então, várias medidas foram tomadas para favorecê-la: acordos com empresas estrangeiras, com empréstimos, compra de máquinas, aberturas de estradas e pontes, pavimentação. Também foram instaladas nesta região várias indústrias, que foram estimuladas pela instalação da estrutura, para funcionar a rede elétrica; também existia uma enorme massa de trabalhadores que deixaram as fazendas de café (que entraram em crise), como também o investimento e a habitação, criando novos bairros para os proletários. Ocorreram também, entre o final do século XIX e início do século XX, um enorme processo migratório de europeus para a América e também para o Brasil que vieram em grande percentual de trabalhadores de empresas estrangeiras. O crescimento industrial impulsionava o aumento da população.

“Atualmente, apareceu um novo tipo de migração estrangeira, acompanhando a industrialização dos países subdesenvolvidos. São as migrações que chamamos de “descendentes”, isto é, a chegada de técnicos enviados pelas transnacionais e grandes firmas dos países industrializados para assegurar a implantação e o funcionamento de indústrias criadas, em sua maioria, com capital formalmente originário desses últimos países ou dependendo estreitamente deles, no campo da pesquisa industrial”.(SANTOS, 1980, p.42).

Logo, isso também foi constatado no Brasil, onde milhões de estrangeiros se instalaram no Sudeste do País, e principalmente em São Paulo, cidade em que as indústrias aumentavam em número mais rápido. Essa mão-de-obra impulsionou o crescimento da população, o que refletiu em aumento da necessidade de mais moradias localizadas nas periferias urbanas desses centros que se tornavam cada vez mais populosos.

Na década de quarenta, o Brasil intensificou o investimento no campo industrial e o governo implantou um grande complexo industrial que serviria de base para outras indústrias de bens de consumo.

“Em 1941 foi criada uma importante indústria no Sudeste: A CSN (Cia. Siderúrgica Nacional), em Volta Redonda, com financiamento do Estado brasileiro. Sua criação fez parte de uma estratégia de dotar o Brasil de uma importante indústria de base, pois sem ela seria difícil a industrialização de outros bens de consumo duráveis. A política nacionalista da época estimulou também a criação da Fábrica Nacional de Motores, da Cia. Vale do Rio Doce e da Cia. De Álcalis. Assim também tiveram crescimento as indústrias de laminados, cimento, papel, tecidos e pneumáticos.” (SCARLATO, 2005, p.350).

Após a Segunda Grande Guerra, o Brasil já estava com uma gama de tipos de indústrias, que favorecia a sua ampliação para outros setores industriais. Já poderia, por exemplo, produzir automóveis no Brasil, pois o parque industrial de base estava pronto e as indústrias de consumo não-duráveis se multiplicavam por outras regiões, além de São Paulo.

A indústria continuou crescendo e o processo de urbanização foi acompanhando esse crescimento, mas a partir da morte de Getúlio Vargas, o processo industrial sofreu a falta de interesse político nacional. Vários outros interesses entraram em cena que facilitaram a entrada de capitais estrangeiros e de filiais das indústrias estrangeiras. Assim, o processo industrial passa para outro patamar, com mais diversificação industrial e maior força do capital internacional. Isso acarretou a instalação de milhares de pequenas indústrias que recebiam investimentos internacionais e a instalação, também, de inúmeras filiais das multinacionais. Podemos citar como exemplo o caso das montadoras, Ford, General Motors, Volkswagen e Fiat, que se instalaram, a partir do Sudeste, e, posteriormente, foram sendo instaladas no Nordeste.

A partir da década de cinquenta, o processo de industrialização se torna mais acelerado e com isso a urbanização também toma outro impulso. Industrialização e urbanização são fenômenos que se completam. Onde se instala um parque industrial ou uma rede de indústrias, as populações passam a se concentrar em grande quantidade. Assim, foram-se formando as metrópoles, que são grandes cidades onde se concentra o poder econômico, com uma multiplicidade de serviços e funções que estendem a sua influência além dos limites político-administrativos oficiais e têm relação econômica e social com várias cidades sob o seu domínio. Portanto, para que uma grande cidade se torne uma metrópole, é preciso que tenha certas características:

1. um crescimento que expande a cidade, prolongando-a para fora de seu perímetro, e absorve aglomerados rurais e outras cidades. Estas, até então com vida autônoma, acabam comportando-se como parte integrante da metrópole. Com a expansão e a integração, desaparecem os limites físicos entre os diferentes núcleos urbanos – fenômenos chamado de conurbação;
2. a existência de um centro histórico onde se concentram atividades de serviços e a partir do qual surgem subcentros;
3. a dicotomia entre a existência da cidade como espaço edificado e estrutura político-administrativo. Em outros termos: Um único espaço edificado resultante da conurbação, porém com várias administrações político-administrativas autônomas, como, por exemplo, São Paulo e o ABCD (Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema). Cada uma dessas cidades tem seu centro administrativo- municipal autônomo e juntas formam uma conurbação.
4. fluxos de circulação de veículos com dois picos de maior



intensidade, normalmente no período da Recife e no final da tarde, formando o chamado fluxo pendular, atravessando mais de uma cidade. (Idem, 2005, p.432).

Vejamos, meus alunos, São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram metrópoles na década de cinquenta, devido à proliferação do parque industrial. Com a industrialização, ocorre a proliferação de cidades médias e menores ao seu redor, formando a **conurbação** (ver conceito) dessas áreas urbanas. Portanto, em consequência disto, foi necessário melhorar a infra-estrutura da área, para minimizar os problemas que surgiam, em consequência da grande concentração populacional. Além da infra-estrutura básica, foram criadas escolas, hospitais, igrejas, postos policiais, bombeiros, como também a melhoria na pavimentação e criação de novas rodovias asfaltadas.

### Conurbação

É a unificação da malha urbana de duas ou mais cidades, em consequência de seu crescimento geográfico. Geralmente este processo dá origem à formação de regiões metropolitanas. Contudo, o surgimento de uma região metropolitana não é necessariamente vinculado ao processo de conurbação.

A partir da década de cinquenta, o transporte ferroviário começa a perder importância, pois as cidades se multiplicam com intensa rede rodoviária, em múltiplas redes, onde as rodovias se tornam mais adequadas, até para serem construídas sobre montanhas. Com a multiplicação dos centros urbanos de vários tamanhos, as rodovias se tornaram muito mais eficientes na circulação dos veículos de todos os tipos, como também na agilidade e rapidez com que se deslocavam as populações e as mercadorias.

Com o processo de industrialização posterior aos anos 50, implantando no Brasil a era dos transportes rodoviários, desenhou-se um novo perfil para a expansão e o plano físico das cidades. A maior flexibilidade da rodovia para se adaptar às condições de relevo e, conseqüentemente, para desenvolver sua maior capacidade de dispersão pelo território permitiu uma maior elasticidade para a expansão do fenômeno urbano pelo interior do país, assim como para a expansão do plano das cidades em todas as direções. (Idem, 2005, p.430).

Com a proliferação das rodovias em todas as regiões e todos os sentidos, o Brasil passou a multiplicar as cidades com populações acima de um milhão de habitantes. Portanto, em 1973, segundo Francisco Scarlato, o Congresso Nacional definiu nove regiões metropolitanas, que são: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Belém, Fortaleza, Recife e Salvador. Com a consolidação das regiões metropolitanas, começaram a ser definidos planos para a estruturação urbana dessas regiões e suas áreas de influência. Foi neste período dos anos setenta, conhecido como época do “milagre brasileiro”, que a indústria nacional deu um grande salto e as metrópoles cresceram de maneira assustadora. Na década de oitenta, aumentou a preocupação com o planejamento territorial. O Governo Federal traçou o plano de desenvolvimento do território e passou a estabelecer o planejamento urbano como necessida-



de para controlar e coordenar o crescimento urbano e suas consequências. Mas os planejamentos urbanos não resolveram o problema da urbanização, pois a cada ano os problemas foram aumentando. Isso foi decorrente do próprio processo do capitalismo financeiro internacional, ao qual o Brasil está atrelado e historicamente dependente. O processo de financiamento e crescimento industrial provocou a urbanização desenfreada. Como não existia a preocupação com as consequências desses processos, naturalmente foram surgindo os problemas decorrentes desta aceleração e desordem urbana. O Brasil, historicamente, vem obedecendo fielmente a cartilha das multinacionais. Então o caos urbano pelo qual o Brasil passa hoje é decorrente deste fator. Os planejamentos urbanos realizados no Brasil são feitos mais para 'remediar' do que para evitar o caos urbano que já existe, principalmente nas metrópoles nacionais e regionais. Portanto, os problemas das cidades contemporâneas são mais complexos e estão associados ao binômio: industrialização X urbanização, que é moderno e intrínseco à cidade de hoje.

A sociedade urbana se anuncia muito tempo depois que a sociedade no seu conjunto balançou para o lado do urbano (da dominação urbana). Vem então o período em que a cidade em expansão prolifera, produto das periferias distantes (subúrbios), invade os campos. Paradoxalmente, nesse período em que a cidade se estende desmesuradamente, a forma (morfologia prático-sensível ou material, de forma urbana) da cidade tradicional explode em pedaços. O processo duplo (industrialização-urbanização) produz o duplo movimento: explosão-implosão, condensação-dispersão (estouro) já mencionado. É, portanto ao redor desse ponto crítico que se situa a problemática atual da cidade e da realidade urbana (do urbano). (LEFEBVRE, 2001, p.72).

Dentro deste raciocínio, estamos analisando o processo de urbanização e a proliferação das metrópoles no Brasil. A morfologia urbana está, a cada dia, tomando novas feições, o espaço construído e produzido é recriado dia a dia, tornando a paisagem urbana com variações constantes. Hoje metrópole é sinônimo de desafio, como é descrito por Marcelo Lopes de Souza, em seu livro 'O Desafio Metropolitano', onde o ele analisa várias questões sobre a problemática metropolitana, tais como o tráfico de drogas, as redes urbanas, a geopolítica da criminalidade urbana, os problemas sócio-espaciais, a degradação ambiental, os movimentos sociais urbanos, a fragmentação do tecido sócio-espacial, a ingovernabilidade urbana etc.

Em uma época em que a própria palavra crise se desgasta lentamente, tantas são as crises reais ou supostas de que se ouve

diariamente falar – ecológica, do capitalismo, de valores, do Estado e muitas outras -, o ambiente urbano parece representar, no Brasil atual, uma síntese de várias delas, especialmente à luz da realidade das tensões e dos conflitos de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.” (SOUZA,2000, p. 17)

Na próxima aula, vamos nos concentrar para estudar a urbanização de Sergipe, Aracaju e sua região metropolitana. O processo de crescimento constante e rápido do espaço construído é um reflexo da carência de moradia que existe, tanto no Brasil, quanto no Estado de Sergipe. A região da grande Aracaju tem um grande contingente populacional, que é crescente, e que carece de moradia, por isto a partir do final da década de 60, vários conjuntos habitacionais foram construídos, com o intuito de diminuir esta carência e, por outro lado, alojar a população de uma classe menos privilegiada, em áreas distantes dos bairros centrais ou de maior valor no preço da moradia. Porém, isso não resolveu o problema, uma vez que,

A prática de construção de grandes estruturas habitacionais na região metropolitana expôs a fragilidade dos municípios perante a imposição do Estado que, dissociado de planejamento para a geração de empregos e renda, engendrou elementos novos na problemática social, modificando o desenho urbano e confinando a população na periferia em verdadeiros bolsões de pobreza, intensificando o problema das invasões e ocupação irregulares. (CAMPOS, 2006, p.242)

Assim houve a construção, segundo dados da CEHOP (Companhia Estadual de Habitação e Obras Públicas) de 2003, segundo demonstra a tabela:

Aracaju – Produção de Habitações Populares/Cohap-SE – 1968 - 1979

Número	Conjunto	Ano	Unidade Construídas
01	Castelo Branco I	1968	380
02	Castelo Branco II e III	1969	428
03	Gentil Tavares da Mota	1969	78
04	Lourival Baptista	1970	353
05	Médici I	1971	434
06	Costa e Silva	1972	324
07	José Ramos de Moraes	1972	72
08	Sesquicentenário I	1973	58
09	Almirante Tamandaré	1974	89
10	Duque de Caxias	1974	118
11	Jardim Esperança	1974	144
12	Jessé Pinto Freire I	1974	82
13	José Steremberg	1974	20
14	Médici II	1974	477
15	Santos Dumont	1974	58
16	Sesquicentenário II	1974	10
17	Tiradentes	1974	249
18	D. Pedro I	1975	481
19	Jessé Pinto Freire II e III	1977	132
20	Loteamento Lênio	1977	13
21	Princesa Isabel	1977	60
22	Senador Leite Neto	1977	425
23	Assis Chateaubriand I	1978	861
24	Assis Chateaubriand II	1979	1.272
<b>Total</b>			<b>6.618</b>

Fonte: Assessoria de Desenvolvimento Estratégico, CEHOP/SE, 2003

Aracaju – Produção de Habitações Populares/Cohap-SE – 1980 - 2002

Número	Conjunto	Ano	Unidade Construídas		
			Casas	Aptos.	Total
25	Ipês I	1980	101	-	101
26	Santa Tereza	1980	554	-	554
27	Alcebiades Vilas Boas	1981	-	48	48
28	Jolo Paulo II	1981	125	-	125
29	Gov. Augusto Franco	1982	3.374	1.136	4.510
30	Gov. José R. Leite	1982	-	224	224
31	Parque dos Artistas	1+82	-	112	112
32	Jolo Andrade Garcez	1983	-	112	112
33	Médici III	1984	-	122	112
34	Bugio III	1987	130	-	130
35	Jornalista Orlando Dantas	1987	3.160	496	3.656
36	Vale do Cotinguiba	1987	-	240	240
37	Vale do Japarutuba	1987	-	144	144
38	Cerâmica II A e B	1989	-	144	144
39	Mar Azul	1989	-	400	400
40	Cerâmica III	1990	102	-	102
41	Santa Lúcia	1993	610	128	738
42	Padre Pedro I, II, III, IV.	1999	2.223	-	2.223
43	Terra Dura I	2000	15	-	15
44	Terra Dura II (mutirão)	2001	100	-	100
45	Terra Dura II (mutirão II)	2002	171	-	171
<b>Total</b>			<b>10.665</b>	<b>3.296</b>	<b>13.961</b>

Fonte: Assessoria de Desenvolvimento Estratégico, CEHOP/SE, 2003

### CONCLUSÃO

Após termos analisado como surgiu a indústria no Brasil, constatamos que o processo de formação do parque nacional teve influência direta do capitalismo mundial. Sabemos que desde a formação do território brasileiro, o Brasil passou da condição de colônia de Portugal, para depois ser um Império desta mesma nação. Mas que, mesmo após a sua independência, o Brasil esteve sempre atrelado e de forma dependente ao capitalismo internacional. As nações hegemônicas sempre estiveram à frente das decisões mais importantes que ocorreram no Brasil.

O processo de formação do parque industrial foi direcionado conforme interesses dos empresários e governantes dos países industrializados ou desenvolvidos. Assim, a industrialização impulsionou um processo de urbanização sem controle, nem planejamento, o que provocou um aumento vertiginoso da população. Com isso, o Brasil formou um parque industrial e deu início a um processo de urbanização sem precedentes, o que fez com que surgisse e aumentasse, em número, a quantidade das metrópoles. Com o aumento do número de metrópoles, o processo de urbanização fez surgir, também, uma periferia urbana densa e cheia de problemas, de ordem social, econômica, de saneamento básico, esgoto, iluminação precária e clandestina, como também de grande impacto ambiental e criminalidade crescente.

Logo, a formação do parque industrial provocou a proliferação de uma urbanização desenfreada e de uma concentração e aumento populacional muito rápido, tornando o Brasil uma nação industrializada, mas dependente, urbanizada, mas também caótica, no final do século XX. O País carece, portanto, de uma melhor administração, para ser mais estruturado, de maneira a atender suas realidades regionais, dando importância mais efetiva às populações mais pobres e ao meio ambiente.

**RESUMO**

Nesta aula, analisamos o processo de surgimento e de crescimento da indústria no Brasil. Analisamos como a industrialização influenciou o rápido crescimento urbano e populacional. Mostramos os fatores que favoreceram este desenvolvimento e as implicações para as cidades e suas populações. Contatamos que neste processo de desenvolvimento industrial e urbano, o Brasil recebeu, como em séculos anteriores, vultosos empréstimos, que fizeram com que fosse aprofundando a sua dependência e crise econômica. Mesmo após as inovações tecnológicas e em vários campos como o da saúde, educação, economia, cultura e urbana, observamos que o país continuou dependente; e pior a dependência aprofundou a crise econômica e urbana. A crise urbana é conseqüente de uma política com interesses externos. O crescimento acelerado das cidades e suas metrópoles se deu devido ao fato de o Brasil ter seguido as determinações e os planos de desenvolvimento das nações ricas. Isso ocorreu sem terem sido analisadas as especificidades da população brasileira, que tem costumes, valores culturais e sociais bem diferentes dos países desenvolvidos. O Brasil deixou de ser uma nação agro-exportadora para uma nação exportadora, também, de produtos industrializados. Mas a questão é que a indústria “nacional” foi sendo formada mediante as “sobras” das indústrias dos países desenvolvidos, tanto em mão-de-obra quanto em maquinário e tecnologia.

**ATIVIDADES**

Os alunos deverão fazer um resumo, descrevendo o processo de formação e desenvolvimento do parque industrial do Brasil, dando ênfase ao desenvolvimento, desde a década de cinquenta.

É importante que busquem também fazer leituras da situação econômica e política do Brasil na década de cinquenta, revelando como o governo JK deu impulso ao País e sua importância para o desenvolvimento industrial e urbano.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Para enriquecer o conteúdo, assistam à mini-série da rede Globo “Os anos dourados” e leiam o livro “A capital da Geopolítica”, de José William Vesentini.



### PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos estudar como surgiu a cidade de Aracaju e como se deu o seu crescimento urbano. Também estudaremos a formação da região metropolitana de Aracaju e exemplificaremos como surgiu o bairro Jardins e como este vem recebendo influência da cidade global.



### AUTO-AVALIAÇÃO

Posso entender como se deu o processo de desenvolvimento industrial por que passou o Brasil a partir da década de 50?

Sou capaz de debater com meus colegas as causas da dependência do Brasil ao capital estrangeiro com a crescente industrialização?

Consigno descrever o processo de urbanização do País, com o crescimento desordenado das capitais que têm parques industriais e outras consequências desse processo ?

### REFERÊNCIAS

CAMPOS, Antonio Carlos. A Construção da cidade segregada: O papel do Estado na Urbanização de Aracaju, In: **O ambiente urbano: visões geográficas de Aracaju**. ARAÚJO, Hélio Mário de (Org.) et al. São Cristóvão:UFS, 2006.

DIAS, Leila Christina. Redes: Emergência e Organização, In: Geografia: conceitos e temas, Org: Iná Elias de Castro et all. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FLORIDO, Janice. **Coleção Brasil 500 anos**, v. 7. São Paulo: Nova cultural, 1999.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: contexto, 2001.

SCARLATO, Francisco Capuano. **O espaço industrial brasileiro: Geografia do Brasil**. (Org., Jurandyr L. Sanches Ross), Geografia do Brasil. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: 1980.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio Metropolitano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.